

ALVARO DE CAMPOS, POETA SENSACIONISTA

MAURÍLIA GALATI GOTTLÖB

O surgimento tão curioso quanto original do heterônimo pessoano Álvaro de Campos dá-se, em forma de poesia, em 1914. A prosa sob o mesmo nome viria a lume mais tardiamente.

Já de início, impressiona-nos de maneira invulgar o que se poderia chamar “desdobramento de personalidade” de Pessoa em Campos, na forma em que o mesmo se acha descrito numa carta que o Poeta escreveu a Adolfo Casais Monteiro:

“E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me *impetuosamente* um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a “Ode Triunfal” de Álvaro de Campos — a “Ode” com êsse nome e o homem com o nome que tem”.¹

Como bem expressa Agostinho da Silva em seu trabalho *Um Fernando Pessoa*, Álvaro de Campos foi quem “veio à vida como um núcleo de energia para explodir em emoção e em arte”.²

Tal é, portanto, a primeira manifestação — tão tipicamente à Campos — do heterônimo que Pessoa mais tarde definirá como “o mais histêricamente histérico em mim”,³ ou seja, aquele em quem seu estado de nervosismo e inquietação se expressa com maior intensidade.

Campos cognominou-se “poeta sensacionista”⁴. Essa sua auto-definição é entendida por nós da seguinte maneira:

(1) Fernando Pessoa, *Páginas de doutrina estética*, pp. 264-265.

(2) p. 52.

(3) *Op. cit.*, p. 260.

(4) *Poesias de Álvaro de Campos*. p. 204 e 226.

êle foi o poeta que exaltou a emoção e deixou que esta até mesmo extravasasse de seus versos. É o próprio Fernando Pessoa quem afirma:

«Pus em Álvaro de Campos tôda emoção que não dou nem a mim nem à vida». ⁵

Mais adiante, neste estudo, procuraremos tratar o objetivo que o autor da “Ode marítima” provàvelmente visou como poeta sensacionista.

Alceu Amoroso Lima, em sua obra *Estética literária*, afirma:

«O ambiente é tudo que condiciona a obra de arte, tanto no tempo como no espaço». ⁶

«A obra de arte não é fruto da sociedade, mas da personalidade. A sociedade, porém, de que o homem normalmente não prescinde, pode favorecê-la ou prejudicá-la pelas condições ambientes». ⁷

Certamente compreenderemos melhor a obra poética de Alvaro de Campos levando em consideração o ambiente em que ela surgiu.

Consideremos, pois, o contexto histórico e social em que Alvaro de Campos se manifestou como poeta: o Portugal do primeiro quartel de nosso século, portanto da “era das máquinas e do surto da industrialização”. Procuremos estabelecer a influência dêsse ambiente sôbre a sua poesia:

Em suas *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, Pessoa nos oferece uma caracterização nítida dessa época e do seu estágio de civilização. Nessa mesma obra em prosa, apresenta-nos também a sua concepção da arte que deveria corresponder a tal sociedade, como por exemplo quando afirma:

«Sôbre uma vida social agitada, diretamente como intelectualmente, pelas complexas conseqüências da irrupção para a prática das idéias da Revolução Francesa, veio cair todo o complexo e confuso estado social resultante da proliferação sempre crescente das indústrias, do enxamear cada vez mais intenso das atividades comerciais modernas. O aumento das

(5) *Op. cit.*, p. 259.

(6) p. 155

(7) pp. 187-188

facilidades de transporte, o exagêro das possibilidades do conforto e da vantagem, o acréscimo vertiginoso dos meios de diversão e de passatempo — tôdas essas circunstâncias, combinadas, interpenetradas, agindo cotidianamente, criaram, definiram um tipo de civilização em que a emoção, a inteligência, a vontade participam da rapidez, da instabilidade e da violência das manifestações pròpriamente, diàriamente típicas do estágio civilizacional. Em cada homem moderno há um neurastênico que tem de trabalhar. A tensão nervosa tornou-se um estado normal na maioria dos incluídos na marcha das coisas públicas e sociais. A hiperexcitação passou a ser regra.

O aumento das comunicações internacionalizou fàcilmente isto tudo, com o auxílio que trouxe o aumento da cultura e da capacidade de cultura, que é outra coisa, e mais importante para o caso. De modo que êsse estado de espírito, que, de per si, parece que devia caracterizar apenas os países no auge da vida industrial e comercial, foi parar a outros, mais apagados e quietos, e de um lado da Europa ao outro uma rêde de nervos define o estado das almas nesta Hora de fogo e de treva. Se isto tudo tivesse acontecido numa época de bases assentes, o resultado seria de maior relêvo. Mas acontece num período em que se sofre ainda da dissolução de antigos regimes, em que a morte tocou o princípio monárquico, em que o gusano da crítica esborouo de todo o edifício da fé religiosa /.../

O papel social das religiões, a (pelo menos aparente) absurdéz dos lemas fraternitários e igualitários, passaram a ser assunto de dúvida. A rapidez, a precipitação da época coloriam tudo. E assim, difícil, cada vez mais difícil, se tornava descortinar, através da poeira da literatura e da ciência das colunas de jornais, quais as fôrças eternas operando, quais os homens dignos de guiar hoje, quais as permanências, as seriedades, os esteios e os apoios.

De modo que chegamos a uma época singular, em que nos aparecem todos os característicos de uma decadência, conjugados com todos os característicos de uma vida intensa e progressiva. A moral familiar e social desceu ao nível da decadência do império romano.

O mercantilismo político, a dissolução nacional chegou ao fundo. Mas, com isto tudo, progrediam as indústrias, multiplicava-se o comércio, a ciência continuava descobrindo, dia a dia os confortos aumentavam e as complexidades da vida se tornavam mais complexas. Só, como distintivo de uma decadência, um fenômeno inequívoco havia: o abaixamento no nível dos homens representativos/.../ Assim, cada um de nós nasceu

doente de tôda esta complexidade. Em cada alma giram os volantes de tôdas as fábricas do mundo, em cada alma passam todos os comboios do globo, tôdas as grandes avenidas de tôdas as grandes cidades acabam em cada uma das nossas almas. Tôdas as questões sociais, tôdas as perturbações políticas, por pouco que com elas nos preocupemos, entram no nosso organismo psíquico, no ar que respiramos psicicamente, passam para o nosso sangue espiritual, passam a ser, inquietamente, nossas como qualquer coisa que seja nossa.

Qual a arte que deve corresponder a êste estado de civilização?

Vimos já que o papel da arte é de, ao mesmo tempo, interpretar e opor-se à realidade social sua coeva /.../

A arte moderna deve portanto:

- 1) ou cultivar serenamente o sentimento decadente, escrupulizando em tôdas as coisas que são características da decadência — a imitação dos clássicos, a limpidez da linguagem, a cura excessiva da forma, característica da impotência de criar;
- 2) ou fazendo por vibrar com tôda a beleza do contemporâneo, com tôda a onda de máquinas, comércios, indústrias...»⁸

Não nos é difícil sentir a problemática dessa “era das máquinas”, uma vez que ela se assemelha à crise da nossa era atômica, na qual as conquistas da Ciência também não são acompanhadas de um aprimoramento espiritual da sociedade.

O poeta Alvaro de Campos não poderia ter-se subtraído àqueles que sofriam com a crise, por assim dizer, civilizacional por que seu país passava. Sofria o drama, com tôda certeza, em dimensões bem maiores que a de seus contemporâneos e compatriotas, aquêlo que num de seus versos assim se definiu:

«Eu pr'âqui engenheiro, prático à fôrça, sensível a tudo».⁹

A grande maioria dos portugueses atravessava essa fase de decadência de valores, essa hora angustiada e crítica, em verdade, na mais profunda inconsciência, segundo a interpretação do próprio Pessoa em suas *Páginas de doutrina es-*

(8) pp. 164-168.

(9) *Op. cit.*, p. 184.

tética.¹⁰ Isso preocupou, indubitavelmente, o poeta que, como um Antero de Quental, tinha consciência da sua missão no mundo e em quem “a poesia estava também a serviço de qualquer coisa”... De fato, em sua carta de 19 de janeiro de 1915 a Côrtes-Rodrigues, êle já expressava aquela sua “consciência /.../ da terrível importância da Vida, essa consciência que nos impossibilita de fazer arte meramente pela arte, e sem a consciência de um dever a cumprir para com nós próprios e para com a humanidade”.¹¹ Considerando o papel da arte com relação à sociedade sua contemporânea, também Campos não só interpretou o estagnado estado de espírito do homem moderno mas também ofereceu, por intermédio de sua poesia, caminhos, sugestões para uma superação da crise espiritual que se atravessava. Na realidade, expressou aquelas características de arte moderna, ditas por Pessoa nas suas *Páginas íntimas*, pois em sua obra poética, espelha-se “o cultivo sereno do sentimento decadente”. Por conseguinte, ao lermos as poesias de Álvaro de Campos sentimos: mágoa de viver, o cansaço, a abulia, o ceticismo, também o pessimismo, a morbidez, o anti-humanitarismo próprios do poeta que sente e reflete a problemática de sua época. Seu franco repúdio aos moldes clássicos expressa-se claramente também através da forma de seus poemas, a qual não é excessivamente cuidada:

«Álvaro de Campos, pecador quase prototípico (em Portugal) nessa matéria de versos irregulares por fora». ¹²

Expressando a segunda característica da arte moderna, conforme Pessoa, surge a “Ode triunfal” de autoria do “poeta de Tavira”, como exemplo de poesia que “faz por vibrar” — sem que vibre na realidade — “com tôda a beleza do contemporâneo, com tôda a onda de máquinas, comércios, indústrias.”

Se o autor da “Ode marítima” expressa em seus poemas o modo de ser de sua época e da sociedade em que vive, por outro lado exprime, com frequência, sua amarga ironia com relação à decadência que êle presencia. Sua poesia interpreta e critica a realidade histórica e social sua contemporânea.

(10) “O Provincianismo português” e “O Caso mental português”, pp. 179-175 e pp. 187-200.

(11) “Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues” pp. 40-41.

(12) Fernando Pessoa, *Páginas de doutrina estética*. p. 337.

Recorramos novamente ao prosador Pessoa que afirmou, em carta sua a Côrtes-Rodrigues, a sua preocupação com o “fim criador de civilização de tôda obra artística”.¹³ Foi ali também que expressou aquêle seu sentimento de superioridade em relação aos que o cercavam, aquela sua convicção da divergência que existia entre êle e seus compatriotas e contemporâneos.

Uma vez cômscio da crise espiritual da sua civilização, eis o que realizou, esperançoso de solucioná-la: ciente de que o ser humano geralmente se acomoda se não fôr enêrgicamente pressionado, procurou, através de seus versos, angustiar a fim de despertar seu seletto público leitor, certo de que sômmente assim os líderes se arregimentariam para uma tomada de atitude perante essa decadência. Daí manifestar-se Álvaro de Campos como poeta sensacionista, conceito que esclareceremos melhor no decorrer dêste estudo.

O têrmo sensacionista, em literatura, é definido por Fernando Pessoa, em suas *Páginas íntimas*, como sendo “a substituição do pensamento pela sensação”.¹⁴

Fundamenta-se, assim, o sensacionismo, sôbre o fenômeno da sensação.

É extenso e complexo o estudo sôbre o Movimento Sensacionista em literatura realizado por Fernando Pessoa em suas *Páginas íntimas*. Um dos objetivos dêste trabalho é apresentar o que assimilamos daquela exposição e, principalmente, aplicar essa teoria ao caso específico de Álvaro de Campos. Convém, no entanto, esclarecer, de início, que o sensacionismo dêste apenas se esboça naquelas páginas do prosador Fernando Pessoa. Êste teórico do Sensacionismo chega a sugerir que o autor da “Ode marítima” nêle não se enquadra, pois: “Moderniza-o — o sensacionismo — paroxiza-o /.../ o estranho e intenso poeta que é Álvaro de Campos”.¹⁵

Assim, sem uma bibliografia específica a respeito do assunto — “Sensacionismo em Álvaro de Campos” — valeremos mais do próprio texto de poesias do autor da “Ode

(13) *Op. cit.*, p. 24.

(14) p. 167.

(15) p. 350.

marítima” como fonte, aliás bastante rica, para o nosso empreendimento de uma caracterização despreziosa do que seja o sensacionismo em Álvaro de Campos.

No entanto, pelo menos uma sugestão foi-nos oferecida pelo autor das *Páginas íntimas* a propósito do sensacionismo do “poeta de Tavira”:

«para Álvaro de Campos as coisas deveriam ser simplesmente sentidas». ¹⁶

Dessa forma, Álvaro de Campos devia acreditar no poder dos órgãos captadores do universo e também, com certeza, partilhava da opinião daqueles especialistas para os quais a sensação era “o estado bruto e imediato condicionado por uma excitação fisiológica *suscetível de produzir uma modificação consciente*” ¹⁷ (o grifo é nosso).

De fato, o sentido mais lato do verbo “sentio” é “tenho consciência de qualquer coisa”. ¹⁸ Daí, também, existir um grupo de estudiosos que afirma ser a sensação o elemento fundamental de qualquer experiência consciente, que concebe a sensação como origem única das idéias. ¹⁹ Com êles Pessoa deveria solidarizar-se, pois, em suas páginas sobre o sensacionismo, afirma:

«Sentir é criar. O que se sente não se pode comunicar. Só se pode comunicar o valor do que se sente. Só se pode fazer sentir o que se sente. Basta que o outro sinta da mesma maneira /.../

O sentimento abre as portas da prisão com que o pensamento fecha a alma. Sentir é compreender /.../

Compreender o que outra pessoa sente é ser ela. Ser outra pessoa é de uma grande utilidade metafísica. Deus é toda gente. Ver, ouvir, cheirar, gostar, palpar — são os únicos mandamentos da lei de Deus. Os sentidos são divinos porque são a nossa relação com o Universo, e a nossa relação com o Universo Deus /.../

Só sentir é crença e verdade. *Nada existe fora das nossas sensações*”. ²⁰ (o grifo é nosso).

(16) p. 350.

(17) André Lalande, *Vocabulaire*, p. 976.

(18) *Id. ibid.* p. 987.

(19) *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, vol. XXVIII, p. 304.

(20) *Op. cit.*, pp. 216-218.

Na verdade, o sensacionismo contemporâneo, como teoria filosófica, intenta derivar tôdas as formas de conhecimento da sensação.²¹

No estudo acima referido sôbre o sensacionismo em literatura, feito por Fernando Pessoa, há também uma afirmativa que sustenta os objetivos do Movimento Sensacionista, qual seja:

«A finalidade da arte é simplesmente aumentar a auto-consciência humana».²²

Com certeza, ao compor seus versos, Álvaro de Campos tinha em mente também o objetivo de atuar sôbre as consciências e, principalmente, transformar a mentalidade portuguesa sua contemporânea. Se sua poesia, assim sensacionista, não atingiu, na época, o objetivo a que se destinava, o que o poeta realizou não foi absolutamente vão, uma vez que, na atualidade, vemos crescer o interêsse em tôrno de sua obra artística, cujo valor e ação intrinsecamente cosmopolitas e construtivos já se fazem sentir. É bem verdade que o número de seus leitores é ainda relativamente pequeno, mas isso é perfeitamente natural, pois, como já afirmava Stanilas Fumet:

«A arte verdadeira vira as costas ao público».²³

Eis o aspecto que o sensacionismo assume em Álvaro de Campos: para provocar modificações conscientes no outro, no caso o leitor, é necessário também provocar nêle sensações novas, e isso pela apresentação de conceitos, idéias totalmente originais. É assim que êle chega até mesmo a um extremo, quando considera positivamente agradável a idéia da perda da inocência de uma criança.²⁴ No entanto, o fim visado aqui é certamente o de angustiar o leitor para que êle se torne consciente da crise espiritual da sociedade em que vive, na qual tal fato — a perda da inocência de uma criança de oito anos — pode ocorrer. Pela atitude que Campos assume ante a deplorável ocorrência, êle se torna como que o protótipo dessa sociedade e, dessa forma, também um decadente, ou seja, o produto da mesma.

(21) *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, vol. XXVIII, p. 304.

(22) *Op. cit.*, p. 186.

(23) Apud Alceu A. Lima, *Estética literária*, p. 201.

(24) *Poesias*, p. 149.

Já se pode concluir que somos partidários daquela concepção de João Gaspar Simões que, em *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, afirmou:

«Sensacionalista», Álvaro de Campos era-o, de fato, mas antes pela sensação que esperava provocar que pelo culto de uma estética em que a sensação pura, e pura e bruta percepção da realidade fôssem o objetivo último». ²⁵

Verdadeiramente, a chamada do leitor à “pura e bruta percepção da realidade” era apenas o meio de que Álvaro de Campos fazia uso a fim de realmente chocá-lo e angustiá-lo e, por conseguinte, pela vivência dessa angústia pelo leitor, atingir o poeta o seu objetivo último: fazê-lo agir sobre a sociedade na qual vivia. O sensacionismo de Campos tornou-se, assim, o esboço de uma ação e reação em cadeia: Álvaro de Campos ⇔ leitor ⇔ pessoas com as quais êle se pusesse em contacto ⇔ sociedade.

Encontramos a confirmação para essa nossa interpretação do sensacionismo em literatura nas asserções de Fernando Pessoa em seu artigo “Movimento Sensacionista”, publicado pela primeira vez na revista *Exílio*:

«O sensacionalismo surgiu como primeira manifestação de Portugal-Europa, como a única «grande arte» literária que em Portugal se tem revelado /.../

A tarefa do Movimento Sensacionalista é a reconstrução da literatura e da mentalidade nacionais /.../ assim o sensacionismo triunfou primeiro pelo escândalo /.../

Depois, seguro e certo como uma maré que sobe, começou o triunfo nos espíritos».

No Movimento Sensacionista, portanto, Fernando Pessoa, certamente, depositou esperanças para a criação do seu “supra-Portugal”. E assim também deveria pensar Álvaro de Campos: do choque de idéias, da criação de conflitos, dos paroxismos em sua poesia, de toda essa dialética, deveria resultar algo de positivo para os espíritos jovens e de vanguarda que se pusessem em contacto com seus versos e para as sociedades nas quais êles vivessem.

Não só em “Ode marítima”, “Ode triunfal” e “Saudação a Whalt Whitman” estamos diante de um poeta sensacio-

nista. Alvaro de Campos é sensacionista em tôda extensão de sua obra poética, repleta de originalidades chocantes na emissão de seus conceitos.

Selecionaremos, então, alguns conceitos significativos que dizem respeito à interpretação da realidade decadente que cerca o poeta, e que expressam, portanto, uma mundividência própria de uma civilização em crise. Alvaro de Campos não só presencia e sente a decadência espiritual da sua sociedade, como muitos outros, igualmente côncios da mesma, o fazem; êle, além disso, cristaliza essa realidade em poemas que exprimem e criticam o modo de ser de sua geração.

Simultâneamente, apresentaremos versos de Álvaro de Campos, que caracterizam o seu sensacionismo e suas nuances, mostrando que êsse Sensacionismo funciona como um instrumento para o poeta atingir a sua finalidade, isto é, a maior “conscientização” da elite dos seus leitores.

Eis uma afirmativa que revela o modo de ser próprio do homem dessa fase decadente:

«Adiamos tudo e o entendimento de tudo». ²⁶

Nos seguintes versos, o poeta apresenta como que uma antítese a essa tese anteriormente exposta, pondo em evidência uma ânsia humana de viver, conhecer em plenitude:

«Tenho pela vida um interêsse ávido.
Que busca compreendê-la sentindo-a muito /.../
Pertenco a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio.
E a minha ambição era trazer o universo ao colo». ²⁷

É digno de nota que o Poeta, nessa última seqüência de versos, exaltou o “sentir”, pois através dêsse processo é que êle crê atingir a compreensão da vida.

Comprovando essa mesma atitude, em outros versos, Alvaro de Campos desvaloriza o “pensar”:

«Ter pensado o tudo / Ê o ter chegado deliberadamente
a nada». ²⁸

(26) p. 117.

(27) p. 99.

(28) p. 61.

Repete o mesmo conceito sôbre as limitações que o pensamento impõe ao ser humano nos seguintes versos:

«Pensar em nada / É ter a alma própria e inteira /
Pensar em nada / É viver intimamente / O fluxo e
o refluxo da vida ...»²⁹

Outro exemplo de que o homem pode limitar suas potencialidades através do uso exclusivo do pensamento encontra-se no poema intitulado “Psiquetiopia (ou Psicotopia)”: ali o poeta observa a inglesa com suas mãos postas sôbre a toalha da mesa. No entanto, ao invés da mulher que ali se encontra, é o significado de suas mãos que prende o seu interesse:

«Não tiro os olhos de tuas mãos... Quem são elas?
Meu Deus! Os símbolos... Os símbolos...»³⁰

Através da conversa fútil, automática, nauseante que travam, nota-se que a atenção do poeta está inteiramente absorvida pelo significado extra-sensorial das coisas e que, portanto, na busca incessante do significado dos símbolos, êle não se aproxima efetivamente do ser humano que tem diante de si: “Eu pensava nos símbolos...”, confessa.

Essa maneira de conceber o pensamento culmina na angustiosa indagação:

«Cárcere de pensar, não há libertação de ti?»³¹

Ciente de que a angústia de um ser pensante não tem solução, êle procura libertar-se através de outros meios.

Por vêzes assume uma atitude de revolta contra as convenções sociais:

«Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? /.../
Quero ser sôzinho /.../
Ali, que maçada quererem que eu seja de companhia!»³²

Ele se contrapõe a tudo o que parece ter o poder de limitá-lo como ser humano, espiritual, ansioso e infinito:

«O ter deveres, que prolixa coisa!»³³

(29) p. 79.
(30) p. 295.
(31) p. 94.
(32) p. 246.
(33) p. 122.

Alvaro de Campos ainda se revolta por se ver obrigado a viver em meio de uma sociedade na qual os homens parecem ter-se automatizado, e na qual não há, por conseguinte, lugar para as manifestações de afeto, para a solidariedade, para o amor:

«Carinhos? Afetos? São memórias... / É preciso ser-se criança para os ter ...»³⁴

Essas reticências espelham sem dúvida amarga ironia e êsses versos certamente se terão inspirado em profundo sentimento de solidão (real ou misficado) .

Uma verdade que o poeta também põe em forma de poesia e que não deixa de ser uma crítica a uma falsa vida em sociedade é a que assim expresou:

«Temos todos duas vidas: / A verdadeira, que é a que sonhamos na infância / E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névea, / A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros, / Que é a prática, a útil, / Aquela em que acabam por nos meter num caixão». ³⁵

Em “Poema em linha reta”, Campos dá uma lição de autenticidade e modéstia, ali tão suas; isso choca principalmente os que dão importância exclusiva às aparências, deixando-se, assim, levar pela fraqueza que é, por vezes, própria do ser humano. Essa atitude do poeta não significa uma marginalização, propriamente dita; revela, sim, seu profundo conhecimento da natureza humana.

De fato, o poeta se inclui, por vezes, entre os “decadentes”, ou seja, entre os tipicamente de sua época, pois à influência do meio não se pode fugir:

«Os outros também são românticos / os outros também não realizam nada, e são ricos e pobres, / Os outros também levam a vida a olhar para as malas e arrumar / Os outros também dormem ao lado dos papéis meio compostos, / Os outros também são eu». ³⁶

No entanto, se não efetivamente, pelo menos em espírito, êle é marginal ou, aqui, mais exatamente, misantrópico:

(34) p. 288.

(35) p. 300.

(36) p. 278.

«Não tenho remédio senão morrer antes /.../
Se fico cá, prendem-me para ser social...»³⁷

Em “Insônia”, dirige uma advertência à humanidade em geral, e parece convocá-la a uma maior reflexão, mais precisamente, a uma tomada de consciência sobre a vida; parece, ali, desejar arrancá-la do estado de inércia e estagnação em que ela se encontra:

«A Humanidade repousa e esquece as suas amarguras /
Exatamente. / A Humanidade esquece as suas alegrias e
amarguras /.../ A Humanidade esquece, sim, a Humanidade
esquece /.../ Exatamente. Mas não durmo». ³⁸

Nos versos acima citados, notamos que o poeta optou pela marginalização. Caso contrário, estaria também “vegetando”.

Há um verso seu em que afirma:

«Trouxe comigo o espinho essencial de ser consciente». ³⁹

E, de fato, é um espinho na vida do ser humano o fato de êle ser consciente. Mas tal espinho vem certamente acompanhado da rosa e parece que o poeta entendia da mesma forma a sua situação. Um estudo do poeta Álvaro de Campos revela-nos que o seu ideal de vida era o do estado feliz de inconsciência da criança. Uma vez, porém, que a infância é uma fase transitória à qual o ser humano não pode ater-se, o que o adulto, e também o jovem, deve fazer é conscientizar-se o mais possível no decorrer da existência, tornar-se cada vez mais cômico da realidade que o cerca, para poder superar, assim, os obstáculos que na vida se lhe apresentem. O conhecimento que o ser humano tem das suas próprias limitações torna-se, assim, louvável. Por outro lado, a inconsciência, na fase adulta, foge à normalidade e merece críticas, pois contraria o ideal de uma realização humana plena.

Em “Nuvens”, o poeta também critica a sociedade que observa, que parece viver às escuras, inconsciente do sentido grave da existência:

(37) p. 301.

(38) p. 274.

(39) p. 312.

«Todos têm razão, ou vida, ou ignorância simétrica, / Vaidade, alegria e sociabilidade,
E emigram para voltar, ou para não voltar,
Em navios que os transportam simplesmente.
Não sentem o que há de morte em toda a partida,
De mistério em toda a chegada, / De horrível em todo o nôvo...
Não sentem: por isso são deputados e financeiros
Dançam e são empregados do comércio,
Vão a todos os teatros e conhecem gente...
Não sentem: para que haveriam de sentir?
Gado vestido dos currais dos Deuses,
Deixá-lo passar engrinaldado para o sacrifício /.../
Deixai-o passar, mas ai, vou com êle sem grinalda
Para o mesmo destino! /.../
Vou com êle *sem desconhecer*...⁴⁰ (os grifos são nossos)

Nesses versos o poeta não censurou a alegria, a sociabilidade, as viagens, as profissões, as distrações. O que deprimiu o poeta foi o comportamento das pessoas em face da realidade da vida. Assim, pôs em evidência, especialmente, o fato de as pessoas viverem como que inconscientes e agirem com superficialidade.

Por essa razão, certamente, é que também Campos assume em “Gazetilha” uma atitude irônica para com os seus contemporâneos que gozam de uma fama que êle, poeta considera fugaz:

«Dos Lloyd Georges da Babilônia / Não reza a história nada / Dos Briands da Assíria ou do Egito, /
Dos Trotskys de qualquer colônia / Grega ou romana já passada, / O nome é morto, inda que escrito.
/.../ Ó grandes homens do Momento! Ó grandes glórias a ferver / De quem a obscuridade foge! / Aproveitem sem pensamento! Tratem da fama e do comer».⁴¹

Para Alvaro de Campos, apenas os poetas, filósofos e cientistas merecem glória imortal e realmente a atingem:

«Só o parvo dum poeta, ou um louco / Que fazia filosofia / Ou um geômetra maduro, / Sobrevive a êsse tanto pouco / Que está lá para trás no escuro / e nem a história já história. /.../ Que amanhã é dos loucos de hoje!»⁽⁴²⁾

(40) pp. 266-267.

(41) pp. 269-270.

(42) *Loc. cit.*

A ironia do poeta, com relação à crise social que o país atravessa, atinge o auge no seguinte trecho da “Ode triunfal”:

«Gentalha que anda pelos andaimos e que vai para casa / Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão. / Maravilhosa gente humana que vive como os cães, / Que está abaixo de todos os sistemas morais, / Para quem nenhuma religião foi feita / Nenhuma arte criada, / Nenhuma política destinada para eles! / Como eu vos amo a todos, porque sois assim, / Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus, / Inatingíveis por todos os progressos, / Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!» (43)

Quanta ironia, nesses versos, com relação a um progresso, que por ser tecnocrata, não visa espécie alguma de desenvolvimento para os que pertencem às classes inferiores. Ao mesmo tempo, quanta mágoa nessa poesia, quanto desejo — do poeta — de comunhão com os menos favorecidos!

No verso seguinte, Campos sugere uma solução:

«Oh, mágoa imensa do mundo, o que falta é agir...» (44)

Por isso, o poeta se revolta contra a “civilização” moderna, que apenas acentua os contrastes sociais e os desníveis culturais, que cria os problemas e não os resolve:

«Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro, / Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira, / De não saber doutra vida que a antiga vida dos mares! /.../ liberto do pêso do Atual...» (45)

Na sua preocupação não só de compreender, mas também de estimular “o outro” à compreensão do humano, por meio do desvendamento do mistério das aparências, manifesta-se novamente como ultra-sensível, num franco contraste com o protótipo da sociedade em que vive:

«Complexidade da Vida! As faturas são feitas por gente / Que tem amôres, ódios, paixões políticas, às vêzes crimes - / E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes de tudo isso! / Há quem olhe para uma fatura e não sinta isto. / Com certeza que tu, Cesário Verde, o sentias. / Eu, é até às lágrimas que o sinto humanisticamente». (46)

(43) p. 149-150.

(44) p. 217.

(45) p. 169

(46) p. 198

A propósito, Campos refere-se a Cesário Verde. Segundo Pessoa, em suas *Páginas íntimas*, foi êsse poeta quem esboçou o sensacionismo em Literatura Portuguesa.⁴⁷

E ainda, Alvaro de Campos, na sua “Saudação a Whalt Whitman”, aproxima-se daquele que também é considerado poeta sensacionista:⁴⁸

«Pertença à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade» (49)

Até mesmo identifica-se com o poeta norte-americano:

«Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!» (50)

No entanto, afirma:

“Nunca posso ler os teus versos a fio.. Há ali sentir demais..” (51)

A semelhança de Whitman, Campos, na sua emoção desenfreada, pelo menos nas odes “Triunfal” e “Marítima”, procura encontrar nas coisas reais, imediatas, concretas uma resposta à sua relatividade, entregando-se a elas sem reservas, exaltando-as, na ânsia torturada de aí encontrar qualquer significado, uma resposta à sua busca vã do Absoluto:

«Ó coisas tôdas modernas, / Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima / Do sistema imediato do Universo! / Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!» (52)

«Ah, e as viagens; as viagens de recreio, e as outras, / As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros / Duma maneira especial, como se um mistério marítimo / Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento / Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta, / Eternamente deslocando-se sôbre a imensidade das águas!» (53)

O poeta, portanto, constata o mistério que nos cerca, mas, sendo vã a tentativa de desvendá-lo pelos meios que a razão nos oferece, Alvaro de Campos procura aproximar-se da sua compreensão de outra forma:

(47) Ver *op. cit.*, p. 169.

(48) Ver *id. ibid.*, p. 373.

(49) p. 204.

(50) p. 205.

(51) *Loc. cit.*

(52) p. 147.

(53) p. 199.

«Sentir tudo de tôdas as maneiras / Sentir tudo excessivamente / Porque tôdas as coisas são, em verdade, excessivas / E tôda a realidade é um excesso, uma violência / Uma alucinação extraordinariamente nítida / Que vivemos todos em comum com a fúria das almas, / O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas / Que são as psiques humanas no seu acôrdo de sentidos. / Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas / Quanto mais personalidade eu tiver, / Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver, / Quanto mais simultâneamente sentir com tôdas elas, / Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento, / Estiver, sentir, viver, fôr, / Mais possuirei a existência total do universo, / Mais completo serei pelo espaço inteiro fora. / Mais análogo serei a Deus, seja êle quem fôr, / Porque, seja êle quem fôr, com certeza que é Tudo, / E fora Dêle há só Êle, e Tudo para Êle é pouco». (54)

Por conseguinte, através da vivência, do sentir em intensidade, o poeta eleva-se e consegue aproximar-se de um Ser Absoluto. Eis a aspiração suprema do poeta sensacionista Alvaro de Campos. Assim, êle irracionaliza a metafísica e segue o mesmo conceito emitido em sua obra em prosa, no trabalho intitulado: “O que é a metafísica”, em que afirma:

«O abstrato e o absoluto podem ser sentidos, e não só pensados, pela simples razão de que tudo pode ser e é sentido». (55)

Essa concepção se enquadra na teoria estética e social de Alvaro de Campos, exposta no seu “Ultimatum”, que se resume na “irracionalização das atividades que não são (pelo menos ainda) racionalizáveis”.⁵⁶

Se, até aqui, Alvaro de Campos se apresenta como sensacionista orientado pelo otimismo, chegando mesmo a aproximar-se de Deus através do “sentir”, em outros passos de sua obra revela a sua angústia sensacionista por ser relativo. Abandona, pois, aquêle seu otimismo de antes:

«Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,/.../ Eu escravo de tudo como um pó de todos os ventos». (57)

«Ah, não ser eu tôda a gente e tôda a parte!». (58)

«A impossibilidade de exprimir todos os sentimentos». (59)

(54) p. 103-104.

(55) *Páginas de doutrina estética*, p. 141.

(56) p. 143.

(57) p. 29.

(58) p. 152.

(59) p. 228.

Dessa angústia de viver, sentir, ser, nasce o desejo de fuga a tal situação:

«Deixem-me ser uma fôlha de árvore /.../ a poeira de uma estrada /.../». (60)

O poeta agora deseja fugir à reflexão sôbre o sentido da vida porque a sua opacidade, o seu mistério inabarcável apenas acentuam a pequenez e as limitações humanas:

«Tudo menos saber o que é o Mistério! /.../ Deixa-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber nada!». (61)

Cético, assume uma atitude irônica diante das metafísicas e das religiões:

«Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões tôdas não ensinam mais que a confeitaria». (62)

«/.../ a metafísica é uma consequência de estar mal disposto». (63)

«Descri de todos os deuses diante de uma secretária por arrumar, /.../ Como um deus, não arrumei nem uma coisa nem outra...». (64)

Essa atitude cética e irônica certamente chocaria o homem português, em geral religioso, embora nem sempre por convicção mas por tradição. Eis-nos pois, novamente, diante do Alvaro de Campos sensacionista ou sensacionalista.

Também quando afirma:

«Tudo que foi é a mesma morte». (65)

O poeta assume uma atitude revolucionária em face do mundo português e do temperamento de seu povo, intrinsecamente saudosista.

Em “Bicarbonato de soda” estamos, a princípio, diante de um ser angustiado, nauseado em relação à vida, que indaga:

«Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?». (66)

(60) p. 261.

(61) p. 262.

(62) p. 253.

(63) p. 257.

(64) p. 278.

(65) p. 276.

(66) p. 286.

Mas na resposta, oferecida pelo próprio poeta, vemo-nos novamente diante de um sensacionista otimista quanto à existência:

«Não: vou existir. Arre! Vou existir. / E-xis-tir... / E-xis-tir...». (67)

No entanto, o sensacionista paroxista surge, novamente, no poema “Trapo”:

«Até amaria o lar, desde que o não tivesse». (68)

Essa afirmativa pode parecer, a princípio, absurda. No entanto, expressa uma realidade própria da vida: por vêzes, só damos valor ao que já perdemos, ou só almejamos o que sabemos ser impossível atingir. Assim é a natureza humana em sua complexidade. E o poeta está ciente dessa verdade, pois é um profundo conhecedor da alma humana.

“Magnificat” é um poema que — sensacionisticamente — contém uma mensagem de esperança, que neutraliza tôdas as sensações de angústia que tivemos ao ler poemas anteriores da mesma autoria:

«/.../ e eu acordei; / E então será dia. / Sorri, dormindo, minha alma! Sorri, minha alma, será dia!». (69)

É preciso que fique claro, porém, que a atitude comum a Alvaro de Campos, a que o aproxima dos sensacionistas em geral, é a da sua “frequente preocupação com o tédio, a apatia, a renúncia ante as coisas mais simples e mais normais da vida”⁷⁰, ilustrada nos seguintes versos:

«Falta-me um sentido, um tato / Para a vida, para o amor, para a glória...». (71)

«Não trago nada e não acharei nada». (72)

«Não tenho força para ter energia para acender um cigarro.

/.../ Não tenho energia para estender a mão para o relógio.

/ Não tenho energia para nada, para mais nada...». (73)

(67) *Loc. cit.*

(68) p. 287.

(69) p. 296.

(70) Fernando Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, p. 133.

(71) p. 18.

(72) p. 258.

(73) p. 272.

«Eu, sinto /.../ Que embora eu quisesse tudo, tudo me faltou». (74)

Em “Vilegiatura” espelha-se, de forma especial, êsse tédio humano de viver, típico dos sensacionistas:

«A alma goza ou sofre o íntimo tédio de tudo, / Consciente ou inconscientemente, / Pensando ou por pensar / Que a pena é essa .../.../ A vida.../Branco ou tinto, é o mesmo: é para vomitar». (75)

Acrescenta-se também no “poeta de Tavira” uma outra característica do sensacionismo: “Na nossa poesia interpenetram e intertranscendem-se espírito e matéria” (76), que encontra plena expressão no verso:

«Tôda a Matéria é Espírito». (77)

Em “Ode marcial”, vem novamente expresso o espírito decadente da época. Ali, o poeta é o protagonista das ações cruéis. Mas, em seguida, Campos descreve a sensação de amargura que lhe ficou nalma pelas crueldades que praticou — êle transcende, assim, o espírito decadente, expresso a princípio, e cria, ao mesmo tempo arte moderna e sensacionista:

«Arranquei o pobre brinquedo das mãos da criança e bati-lhe. / Os seus olhos assustados do meu filho que talvez terei e que matarão também / Pediram-me sem saber como tôda a piedade por todos.

Do quarto da velha arranquei o retrato do filho e rasguei-o, / Ela, cheia de mêdo, chorou e não fêz nada... / Senti de repente que ela era minha mãe e pela espinha abaixo passou-me o sôpro de Deus.

Quebrei a máquina de costura da viúva pobre. / Ela chorava a um canto sem pensar na máquina de costura. / Haverá outro mundo onde eu tenha que ter uma filha que enviúve e a quem aconteça isto?». (78)

Nesses três trechos poéticos, Álvaro de Campos põe em evidência um fato muito importante, pelo menos na mundividência de um sensacionista, qual seja, o poder de transformação e aprimoramento espirituais que a vivência da amargura “do outro” produz em nós. Apenas sentindo o que o

(74) p. 238.

(75) pp. 313-314.

(76) *Op. cit.*, p. 133.

(77) p. 104.

(78) p. 303-304.

outro sentiu em nossa própria carne, mesmo que imaginariamente, é que o compreenderemos e, de tal forma, solidarizando-nos com o outro, compartilhando do seu sofrimento, nós nos elevamos. Eis onde reside o humanismo, o espiritualismo de Pessoa-Campos, pois, naqueles versos, de forma toda especial, êle revela essa preocupação espiritualista do ser humano: sua atenção superiormente à vida interior e inferiormente à vida exterior. Ali sua poesia se aproxima, de certo modo, da humanística, preocupando-se com o aperfeiçoamento espiritual do homem. O humanismo se baseou no espiritualismo, que é o sistema que tem seu centro de realidade na consciência. Sendo a sensação considerada elemento de capital importância dentro do sensacionismo, uma vez que é “susceptível de provocar uma modificação consciente”, daí Álvaro de Campos, como poeta sensacionista, não só conscientizar-se, mas também fazer uso da sensação a fim de provocar modificações conscientes “no outro” e, portanto, uma mudança de mentalidade dos que travassem contacto com sua obra poética. Por conseguinte, o sensacionismo assemelha-se ao humanismo, pelo objetivo visado: o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos seja o sentimental, o volitivo ou o intelectual, enfim, a formação integral do ser humano. Se os fins se identificam, os meios usados são diferentes dos utilizados pelos escritores humanistas. A exemplo disso, eis o código de ação que o poeta sensacionista deveria seguir, segundo “Fernando Pessoa-sensacionista”:

«Salte por cima de tôdas as lógicas. Rasgue e queime tôdas as gramáticas. Reduza a pó tôdas as coerências, tôdas as decências e tôdas as convicções. Feita sua aquela, a única regra de arte, pode desvairar à vontade, que nunca desvairará, pode exceder-se, que nunca poderá exceder-se; pode dar ao seu espírito tôdas as liberdades, que êle nunca tomará a de o tornar um mau poeta».

Não é difícil concluir o quanto o autor da “Ode marítima” foi sensacionista, em suas fantasias e tão freqüentes desvairamentos.

Voltemos a indagar, para que fique bem claro, o porquê da atitude sensacionista de Álvaro de Campos.

Num século “coletivista e macânico”, na expressão de Alceu Amoroso Lima, como o nosso, o homem se acomoda, o homem se torna um autômato, e esquece de dar à vida todo o valor intenso que ela possui.

Por sua vez, o poeta devia estar cõncio dessa mesma realidade que encontramos expressa no artigo “Emociones en Equilibrio”, na revista *El Rosacruz*, quando Cecil A. Poole afirma:

«as emoções são as chaves que nos abrem as portas para as experiências profundas e, devido aos pensamentos mais altos e mais exaltados que evocam, essas emoções podem transformar-se em uma parte do fundamento da alma em si». (79)

Sim, “os sentidos, tal como se dá com tõda faculdade cognosciva, constituem também uma espécie de razão”.⁸⁰ Nas páginas do volume *Estética*, da coleção *Saber*, encontramos uma espécie de confirmação para êsse ponto de vista:

«Longe de ser um produto gratuito, o sentimento é capaz de raciocinar. Há uma idéia do sentimento, da mesma forma que da inteligência /.../; a idéia do sentimento, esã forma estilizada, pode tornar o que sente igual ao que pensa». (81)

Já se afirmou que o melhor meio de compreender o espírito criador, em arte, não é pensar a arte e sim vivê-la.⁸² É por essa razão que Alvaro de Campos se utiliza da sensação, pois que ela pode apresentar-se em aspectos variados: tanto como fenômeno físico, ou fenômeno emocional, aé até mesmo intelectual.⁸³ A sensação é, pois, um fenômeno, se podemos assim expressar-nos, vivencial e o uso adequado da mesma pelo artista da palavra, e principalmente por um poeta, Fernando Pessoa, a quem já se denominou o “Indisciplinador de Almas”, pode transformar vidas.

O essencial com relação à poesia sensacionista de Alvaro de Campos é que ela, apesar de ter expressado as anomalias do espírito e da sociedade de sua geração, apesar da sua indisciplina, que é própria do Modernismo, voltou sempre ao humano, ao integralmente humano.

Até mesmo um racionalista como Voltaire vem cooperar conosco para a interpretação do sensacionismo, com o que diz no *Dicionário filosófico* a respeito do artigo “Sensação”:

“Nós sentimos sempre a despeito de nós, e nunca porque o queremos”. (84)

(79) *Op. cit.*, p. 8.

(80) Cf. Tomás de Aquino, apud Alceu Amoroso Lima, *op. cit.* p. 52.

(81) p. 124.

(82) Alceu Amoroso Lima, *op. cit.*, p. 89.

(83) Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 150.

(84) Voltaire, *Dictionnaire philosophique*, p. 390.

“Pode-se fazer sentir o que se sente. Basta que o outro sinta da mesma maneira”.⁸⁵ Eis a base em que se fundamenta tôda a poesia sensacionista de Álvaro de Campos. Tal atitude revela não só uma profunda auto-confiança do poeta, uma crença em suas potencialidades como verdadeiro artista da palavra, mas também um otimismo com relação aos outros, os seus leitores, pelos quais esperava ser compreendido. Tudo isso se resume numa crença no humano. Diante disso, há a conseqüente expectativa de uma transformação dos líderes e, por conseguinte, das sociedades a que pertenciam, através da Poesia Sensacionista. Convém lembrar ainda aqui aquela preocupação do poeta com o “fim criador da civilização de tôda obra artística”.

Essas são algumas das muitas considerações que poderiam ser feitas a respeito do Sensacionismo em Álvaro de Campos. Nossa intenção principal com o presente trabalho foi, porém, a de procurar mostrar a importância desse movimento em literatura, embora bem pouca divulgação se tenha dado ao assunto até o momento.

Obras Consultadas

I — de Fernando Pessoa :

Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues. Introd. por Joel Serrão. 2.a ed. Lisboa, Inquérito, s.d.

A nova poesia portuguesa. Prefácio de Álvaro Ribeiro. Lisboa, Editorial Inquérito, 1944.

Obra poética. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. 2.a ed. Rio de Janeiro, Editôra Aguilar Ltda., 1965.

Orpheu. Reedição do vol. I. Lisboa, Edições Ática, 1959.

Páginas de doutrina estética. Seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena. Lisboa, Inquérito, 1946.

Páginas íntimas e de auto-interpretação. Lisboa, Edições Ática, 1966.

Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa, Edições Ática, 1958.

(85) Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 216.

II — sôbre Fernando Pessoa :

- GALHOZ, Maria Aliete Dores — “Introdução”, in *Fernando Pessoa: Obra poética*. Org. Introd., notas de Maria Aliete Dores Galhoz. 2.a ed., Rio de Janeiro, Editora Aguilar Ltda., 1965.
- MOISÉS, Massaud — *Fernando Pessoa Aspectos de sua problemática*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1958.
- *A literatura portuguesa* — 3.a ed. S. Paulo, Cultrix, 1965.
- MONTEIRO, Adolfo Casais — *Estados sôbre a poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1958.
- SENA, Jorge de — *Da poesia portuguesa*. Lisboa, Edições Ática, 1959.
- 21 dos “35 Sonnets” de Fernando Pessoa. *Alfa*, Marília, 10:7-24, set. 1966.
- “Introdução”. *Páginas de doutrina estética*. Lisboa, Editorial Inquérito Ltda., 1946.
- SILVA, Agostinho — *Um Fernando Pessoa*. Lisboa, Guimarães Editôres, 1959.
- SIMÕES, João Gaspar — *Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração*. 2 vols. Lisboa, Livraria Bertrand, 1951.
- UVA, Alberto — “A presença de Whitman em Álvaro de Campos”, in *Estrada Larga: Antologia do Supl. “Cultura e Arte” de O Comércio do Pôrto*. Ed. Costa Barreto. Pôrto, Editora Pôrto, s.d., pp. 201-206.

III — Obras Gerais :

- COELHO, Jacinto do Prado — *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*. Lisboa, Biblioteca Luso-Brasileira Ltda. s.d.
- GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa, Ed. Enciclopédia s.d.
- HIUSMAN, Denis — *Estética*. Tradução de J. Guinsburg. 2.a ed. S. Paulo, Dif. Europ. do Livro, 1961.
- JOLIVET, Regis — *Tratado de Filosofia*. Tomo II. Trad. de Gerardo Dantas Barreto. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1963.
- LALANDE, André — *Vocabulaire technique et critique de la Philosophie*. Paris, P.U.F., 1956.
- LIMA, Alceu Amoroso — *Estética literária*. Rio de Janeiro, Americ-Edit., 1945.
- POOLE, Cecil A. — Emociones en Equilibrio. *El Rosacruz*, XX(1) :8, set. 1966.
- VOLTAIRE — *Dictionaire philosophique*. Paris, Garnier /1967/